

## **“Borderline and the Self” - Cláudio Garrudo**

30 Setembro / 27 Outubro 2010

Chemistry Gallery, Praga

Esta exposição vem no seguimento da série "Borderline", anteriormente apresentada na Galeria das Salgadeiras, sendo que Cláudio Garrudo apresenta agora um novo tríptico, "the Self", intitulado "Triptych Self Portrait", que se insere neste trabalho iniciado em 2010. A série explora diversas situações-limite e múltiplas identidades e que têm como metáfora o funcionamento denominado Borderline. Contudo, borderline também nos remete para uma tradução mais literal e neste sentido trata-se de reflectir sobre essa ténue linha que separa a sanidade da insanidade, o sossego do dessassossego. Por fim, o tríptico, um auto-retrato de 2012, que representa diversas faces do "self" na vivência borderline.

A série de fotografias apresentada nesta exposição, Cláudio Garrudo recorre ao seu próprio corpo como "objecto" da cena fotografada, numa dupla confrontação. Por um lado, a confrontação que o retrato per si suscita no observador. De certa forma, ao reconhecermos a semelhança com o objecto de arte, olhamos para nós próprios de outra forma, há como que uma suspensão do tempo e do espaço. Intriga-nos, comove-nos, perturba-nos num circuito (quase) direto entre o exterior e o nosso mais íntimo refúgio. E esse, talvez, seja um dos desafios deste trabalho de Cláudio Garrudo, que sejamos seus cúmplices na descoberta dos vários "eus" que cada um de nós encerra. Ou talvez não... o terreno é livre, e as leituras muito pessoais.

Por outro lado, ao fotografar-se a si próprio surge um outro confronto entre o artista e a sua arte, entre o dentro e o fora da composição, afinal ao auto-retratar-se ou auto-representar-se (questão ela própria ambígua...), Cláudio Garrudo torna-se voyeur de si mesmo, colocando-se no mesmo plano que o observador. Vêmo-nos uns aos outros e a nós mesmos.

Esta série revela-nos uma outra faceta do trabalho artístico de Cláudio Garrudo, mais existencialista, mais densa a lembrar o poema de Mário Sá-Carneiro: "Eu não sou eu nem sou o outro. Sou qualquer coisa de intermédio. Pilar da ponte de tédio. Que vai de mim para o outro."

Ana Matos

Lisboa, Setembro 2010